

Entrevista com a professora Diva Guimarães ao Paideia

No dia 23 de agosto de 2017 o Colégio Estadual do Paraná recebeu a visita da professora de Educação Física Diva Guimarães. Do alto dos seus 77 anos ela foi alçada a um repentino reconhecimento público graças ao seu sincero e profundo depoimento na 15ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

No ginásio de esportes do CEP, rodeada de estudantes, a professora falou à Paideia:



A professora Diva fala aos estudantes no CEP. Foto: CEP/COM

PAIDEIA: O que a fez se tornar professora? A senhora teve alguém que lhe inspirou ou motivou?

DIVA: Na verdade eu não sabia ao certo por que eu queria ser professora, mas desde criança eu tinha essa vontade. Dai eu tive três grandes mestres: A professora Derli Demoti, outra que foi secretária de educação que foi muito injustiçada Gilda Poli e a professora de educação física Mércia Poli. Foram três modelos que eu levei para minha vida. Houve momentos que desisti, acho que quando estava na sétima série ou oitava série, eu tinha uns rompantes, mas isso acabou. A professora Gilda foi na minha

casa, me falou: - você não vai mais faltar aula e amanhã eu quero ver você lá no ginásio... então eu voltei. Eu não tinha sapato, eu era meninota. O que ela fazia, ela pegava o sapato dela, sapato baixinho, ela era alta quem a conheceu sabe. Ela enchia de papel higiênico e deixava na varanda. Eu chegava lá de chinelo havaiana, deixava o chinelinho lá, trocava o sapato, ia pra aula, eu morava na esquina do colégio e as meninas nem sabiam. Eu chegava de chinelo, puxa saco da professora, eu ia lá tirava o sapato, a mãe dela me dava um bom café e eu ia pra casa. Então essas três pessoas me marcaram pra sempre e para a eternidade.

PAIDEIA: Sendo você professora, como foi dar aula em um colégio como o CEP em uma época tão conturbada pelo ditadura militar?

DIVA: Para todos os professores da época foi difícil, e eu não tinha muitas palavras não, se bem que aqui eu não tive nenhum problema nessa escola, tive problema com uma professora de educação física que fez a maior cena de racismo contra mim. Mas não vou citar nome e nada, mas a escola aqui pra mim

foi só felicidade, porque eu trabalhava em uma sala próxima da secretaria da educação física e depois do trabalho eu descia, primeiro eu ia pra pista treinar com o professor Saporski e saia de lá correndo e vinha aqui treinar com a professora Iamir Pereira de Souza onde teve o maior time colegial da História desse colégio e eu treinava com as meninas aqui. Então pra mim aqui foi a vitória, eu trabalhava e fazia o que eu queria depois do trabalho.



PAIDEIA: No mundo todo parece haver uma escalada dos discursos de ódio e do fascismo, mesmo os currículos escolares têm sofrido fortes ataques para que não contemplem questões de gênero ou ideologias críticas. Como a senhora vê essas tensões crescentes, estamos diante de uma sociedade mais intolerante?

DIVA: Muito triste, porque eu fui uma professora apaixonada, quase fanática. Eu queria salvar todo o mundo. Eu fui alfabetizadora antes, mas fiz concurso e fiz a faculdade de educação Física, fiz vestibular de História também por causa da professora Gilda Poli, só que eu não

consegui porque eu precisava trabalhar pra sobreviver. Aí eu tinha que fazer a opção, a primeira foi por causa da professora e a outra porque eu gostava do esporte. Mas eu sou uma professora muito apaixonada, queria salvar todo o mundo e eu não media sacrifícios. Fui e até hoje sou.

Há alguns anos atrás encontrei uma aluna que viveu uma experiência difícil. Quando a encontrei ela me perguntou se eu tinha reparado alguma coisa nela... não sou muito de reparar e ela percebeu que eu não estava vendo nada de diferente. Ela estava com uma jaqueta de manga longa, então ela puxou a jaqueta e disse: - Professora perdi meu braço

direito por causa de um câncer. Não quis pôr prótese pois me lembrei tanto da senhora quando nas aulas de educação física a senhora falava assim: - quem é canhoto use a mão dominante mas também treine a mão contrária. Eu me lembro da senhora porque a senhora dizia que a mão esquerda não foi feita pra enfeite, chega uma hora que num jogo você precisa de recursos, então você tem que treinar com as duas mãos e é por isso que eu não quis pôr prótese professora, porque eu aprendi a escrever tudo de novo com a mão esquerda com a ajuda dos meus filhos.

Eles seguravam o caderno e eu treinei, treinei e hoje eu não preciso que ninguém segure pra mim.

Ela tem uma caligrafia espetacular, então são coisas que você nem sabe que realizou, o quanto influenciou na vida das

pessoas. Eu queria fazer tudo, eu queria salvar o mundo.

Eu acho que eu ainda fiquei devendo muita coisa e as vezes eu pensava nossa, quantos alunos que eu ajudei depois foi o contrário, quantos dos meus alunos me ajudaram. Primeiro que eles aprenderam comigo e eu aprendi com eles, segundo que eu não era tão calminha como a minha voz faz parecer que sou, a gente engana.

Então eu não fiz nada de agressão, esse tipo de coisa porque eu pensava assim: fui exemplo para meus alunos, logo eles que me salvaram.

Eu tive uma decepção seis meses antes

de me aposentar, caso que teve uma investigação da secretaria de educação por um colega que não vou revelar o nome, que se originou na ultima greve que eu participei. Teve a interventora no colégio e nas mobilizações de greve sempre tem lados contrários, então esse colega foi com a interventora dizer que eu roubava material de educação física da escola. Por causa dessa denúncia totalmente falsa veio uma equipe da Secretaria de Educação me pressionar. Mas como já lecionava 20 anos na escola, desde que saí da faculdade, eu já lecionava para filhos dos filhos dos meus primeiros alunos. Os pais sabendo do trabalho que eu realizava na escola, que

era muito bom, ficaram do meu lado e aí a professora Gilda Poli de novo me salvou. Voltou pra Secretaria de Educação pra substituir o antigo que saiu para ser, se não me engano,

secretário do planejamento. Aí ela mandou me chamar e me chamou pelo nome. Eu quero ouvir de você, aí eu disse: professora, eu não fiz isso, a senhora me conhece eu não faria isso. Ela me olhou e disse, vou acreditar em você! Então eu respondi, a senhora pode acreditar como sempre a senhora acreditou. Então ela me levou para a secretaria de educação aí eu fiquei mais três meses lá e pedi a aposentadoria. Mas eu não quero nada de ser essa história de celebridade, não sou celebridade coisa nenhuma, o título pra mim é professora e se eu tivesse que fazer tudo de novo eu seria professora.



PAIDEIA: Em sua opinião porque a sua fala na Flip foi tão impactante? O que a senhora falou já não era mais ou menos algo conhecido? O que ela trouxe à tona para que as pessoas se sentissem tão tocadas e identificadas?

DIVA: Quando eu falei lá, sabe aquela coisa, quem entende sabe. Não foi nada pensado que nem as pessoas dizem você levou o discurso, eu nem sei segurar um microfone ainda mais ter um discurso pronto, foi da alma. Foi de tudo que eu passei, das experiências que eu passei e de que passo aqui em Curitiba. Falam que eu falei mal de Curitiba, eu disse não, a cidade de Curitiba não faz mal pra ninguém, mas eu tinha que me situar, eu tinha que me localizar de onde

eu tinha vindo. Curitiba não me fez mal nenhum, adoro Curitiba, mas o que algumas pessoas de Curitiba fizeram e fazem com os negros, com o indígenas, com os pobres da periferia branco ou negro, foi sobre eles que eu falei e falo tudo de novo sem problema nenhum. Foi isso, eu tinha que me situar do porque estar ali me posicionando e contribuindo no evento. Eu nem pensei que fosse causar tanto furor, eu até fiquei doente com a repercussão, de tanto susto, medo, porque eu falei por mim, então foi como tirar um peso, uma coisa de dentro de mim que as pessoas não tem noção. Não existe uma forma de definir isso em palavras.

